

Renovar votos com o futuro: nostalgia e escrita da história

Renewing ties with the future: nostalgia and the writing of history

Eduardo Ferraz Felipe

ffeduerj@gmail.com

Professor do Departamento de História

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

R. São Francisco Xavier, 524 - Sala 9025 A, Maracanã

20550-900 - Rio de Janeiro - RJ

Brasil

Resumo

Com este ensaio, viso estudar o conceito de nostalgia em um duplo movimento de entender mudanças na historiografia e de indagar a experiência do tempo atual. Apresento, em um primeiro momento, as abordagens que relacionam a nostalgia ao seu nascimento moderno e sua crítica, à experiência do tempo da modernidade historicista. Em um segundo instante, percebo uma mudança na perspectiva teórica da história que relaciona a nostalgia ao ataque ao realismo histórico por meio da conjunção entre memória e História. Por fim, correlaciono a nostalgia como cena literária com a experiência do tempo atual.

Palavras-chave

Nostalgia; Realismo; Historicismo.

117

Abstract

This essay aims to analyze the concept of nostalgia in a double movement to understand changes in historiography as well as to inquire the contemporary experience of time. Firstly, it presents the approaches relating nostalgia to its modern rebirth and its criticism on the experience of time in modern historicism. In a second moment, it deals with a change on the theoretical perspective of history that relates nostalgia to the attack on historical realism through the conjunction between memory and history. Finally, I propose a correlation between nostalgia as a literary scene and the experience of present time.

Keywords

Nostalgia; Realism; Historicism.

Recebido em: 11/6/2017

Aprovado em: 12/9/2017

Muita tinta já se gastou para analisar a experiência do tempo atual. Apesar das tonalidades diversas, pouca atenção tem sido dada à nostalgia. Nos últimos anos, uma série de romances, ensaios e filmes elaboraram cenas nas quais a nostalgia é realçada. *A ignorância* (2000), de Kundera, *Museu da inocência* (2006), de Pamuk, ou ainda *Os emigrantes* (1992), de Sebald, podem ser citados como exemplos dessas tentativas de espacialização da memória que retomam a nostalgia. Outros empreendimentos podem ser encontrados no recurso à nostalgia em autores latino-americanos como Milton Hatoum e seu *Relatos de um certo Oriente* (1989), Alejandro Zambra, em seu *Formas de voltar para casa* (2011), ou, ainda, em meio à ditadura militar argentina, *Respiração artificial* (1980), de Piglia.

Também há uma filmografia que coloca a nostalgia como uma imagem central da narrativa: é o caso do filme *Nostalghia* (1983), de Tarkovsky, ou do filme de Patricio Guzmán, *Nostalgia de la luz* (2010), passando por *O Ano em que meus pais saíram de férias* do diretor Cao Hamburger (2006). No filme de Guzmán, o que está em jogo são os rastros do passado e a imbricação entre história e memória. À diferença de outros filmes predecessores em que o diretor chileno investiu em uma linguagem dura e direta, em *Nostalgia de la luz* Guzmán opta por um caminho oblíquo e sutil, cheio de alusões metafóricas, para dar vida aos impasses no presente do passado e do futuro chilenos. Há dois passados sendo explorados no filme. O primeiro é o passado cósmico que nos chega sob a forma da luz tardia pelos telescópios do deserto do Atacama; o segundo, mais sangrento, é o passado da herança da ditadura militar de Pinochet, cujas vítimas foram enterradas nesse mesmo deserto e cujos restos, quatro décadas mais tarde, seus familiares seguem a procurar.

118

No encontro entre o cósmico e o histórico, entre os corpos celestes e os corpos humanos, entre a nitidez de um passado do universo, que percebemos primariamente como futuro, e os ossos das vítimas da violência ditatorial, que percebemos como passado traumático, repousa a ambivalência constitutiva de *Nostalgia de la luz*. Guzmán utiliza o conceito de nostalgia para expressar a ambivalente percepção da experiência do tempo em nossa historicidade, ao mesmo tempo em que a relaciona ao passado traumático pós-ditatorial.

Incorporo as referências acerca da nostalgia para sugerir uma mirada sobre os fenômenos ao meu redor nos quais o passado é mobilizado por uma pluralidade de formas. Tenho a clareza de que existem estudos instigantes acerca do tema da nostalgia. Proponho, contudo, uma diferenciação de ênfase que envolva outra bibliografia. Trato, especialmente, de buscar uma alternativa de leitura da nostalgia que não coloque em cena os dois tipos de abordagens consagradas na história da historiografia: a ênfase na história dos conceitos e toda a bibliografia que associa a nostalgia a uma experiência decadente. Almejo fazer do estudo da nostalgia uma questão para pensar a escrita da história em um cenário no qual muitos dos pressupostos modernos ruíram, apesar de suas ruínas continuarem aqui conosco. Meu intento é justamente o de buscar uma leitura mais acolhedora de alguns impasses contemporâneos da relação entre os homens e seus mortos, atento aos fenômenos com os quais esbarramos

na vida cotidiana. Com o acolhimento aqui postulado tenciona-se fugir de proposições teóricas que enquadram a nostalgia como o “*kitsch* da memória” ou uma faceta simplória da nossa incapacidade diante do mundo. Acredito que, assim, possa estar mais aberto às potencialidades de dar forma ao passado e à singularidade da experiência do tempo no século XXI. Opto por deslocar-me dos referenciais de leitura mais conhecidos com o intuito de aproximar-me de certo desamparo humano que as situações nostálgicas apresentam de modo privilegiado. Lidarei com uma bibliografia teórica acerca do tema que permite não somente entender por que determinadas formas de relacionamento com o passado foram sendo deixadas para trás, mas também encontrar beleza no abandono humano que alimenta esse anseio nostálgico. Se a nostalgia, como um modo de relacionamento com os mortos, emerge junto ao progresso, ela pode ser uma pista para investigar a experiência de tempo por nós vivenciada no instante em que as narrativas do progresso deixam de ser hegemônicas. Meu argumento visa sustentar que a nostalgia não deve ser tomada como um afeto que reitera uma ontologia do passado ou a sua impropriedade, mas uma opção formal que dispara uma semântica relacionada à morte e ao envelhecimento em tempos de coagulação do passado, de um futuro ameaçador e do reconhecimento da finitude da espécie.

Nostalgia e progresso: cara e coroa de uma moeda desprovida de valor?

O surgimento do neologismo “nostalgia” na modernidade indica uma experiência do tempo contraposta ao culto do progresso que ganha forma nas sociedades ocidentais desde o século XVII. À diferença de “melancolia”, que se remete como conceito ao mundo grego como *bilis negra*, com o problema XXX de Aristóteles (2004), o nascimento do conceito de nostalgia é moderno, datando do século XVII (STAROBINSKI 2001). O neologismo surge da junção de *nostos* (lugar) e *algia* (dor), sendo a nostalgia tratada como uma doença que bloqueava a ação humana pelo apego ao passado e ao local distante. Tratada como doença, deixada de lado como um impeditivo para a ação, a nostalgia, desprovida de sua potencialidade crítica, foi entendida como um estado mental equivocado, degradante, decadente. A experiência do tempo na modernidade, caracterizada pela radical assimetria entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativas”, determinou a hegemonia do progresso e do processo na forma de experimentar o tempo (KOSELLECK 2006), relegando-se à nostalgia o lugar de um afeto decadente. Especialmente durante o século XIX, a nostalgia era considerada uma doença inimiga de ações do Estado Nação. A nostalgia era envolta por uma aura mística, como se fosse quase uma revelação religiosa, na interpretação daqueles que entendiam a análise do passado por meio de pressupostos científicos. O século XIX, em sua matriz cientificista, propunha a nostalgia como um mal típico daqueles que estavam distantes de casa, como os negros no Brasil de Joaquim Manuel de Macedo em seu *Considerações sobre a nostalgia*. Macedo entende a nostalgia e a *Heimweh* como aflições que se aproximavam da “lipemania” (uma forma da melancolia), que gerava um tormento mental, especialmente nos negros

do Brasil, impedindo, nas minas, o correto desempenho desses homens submetidos à escravidão (MACEDO 2004, p. 102). A nostalgia surge aqui como parte de uma "anatomia patológica" que possuiria uma "sede", demandando "tratamento" (MACEDO 2004, p. 53). Nasce, ao longo dos Novecentos, uma típica associação entre nostalgia e exílio e a assimilação da nostalgia a uma doença rebaixada e menor. Ao longo do século XIX, a nostalgia deixa de ser percebida como uma doença que afeta o corpo e passa a ser vista como um afeto descabido pelo passado politicamente repreensível.

Não trato aqui de fazer uma genealogia do conceito de nostalgia. Vários estudos já se detiveram nessa perspectiva, como os de Jean Starobinski (2006), David Lowenthal (1985) e Andreas Huyssen (2006) e a análise *A Política da nostalgia*, de Marcos Piason Natali (2006). Procuo perceber sua diferença em relação a uma forma de entender a História, para investigar uma situação contemporânea. A partir de Jean Starobinski, uma gama de autores diminuta, mas atenta, se dedicou a estudar o conceito de nostalgia. Alguns, por meio da pesquisa de arquivos, como Andreas Huyssen; outros, a partir da atenção a problemas referentes à transformação da história em disciplina científica, como David Lowenthal e Stephen Baan. Entre eles, apresenta-se uma oposição entre história e nostalgia. Essa contraposição fazia sentido para o período moderno no Ocidente, quando a História era entendida como "singular coletivo", como a considera Koselleck. Neste ensaio, gostaria de refletir acerca dessa historiografia que posiciona a nostalgia como o *kitsch* da memória, como uma espécie de fantasia contra o fato, como o princípio do prazer contra o princípio da realidade, como mito contrário à razão. Não farei, entretanto, esse esforço para criticar a nostalgia e forçá-la a pagar suas dívidas em relação à história; pelo contrário, a intenção é sugerir possibilidades para uma parcela da produção historiográfica que tenciona reprimir o momento nostálgico e entender as motivações para essa forma de relacionamento com o passado ter sido excluída do conjunto de preocupações historiográficas como um deleite infantil ou uma parcela decadente de nossa experiência do tempo.

120

Ao longo do século XX, a nostalgia ainda foi tomada no sentido estabelecido pelo século XIX, como um escape das dificuldades humanas pela busca de uma vida contemplativa, com ou sem o vínculo íntimo com o tema do espaço. Ressalto que essa ideia de nostalgia induziu erros interpretativos e conceituais, como aquele cometido por Jean Luc Nancy em *La comunidad inoperante* (2000), quando afirma que o apelo pelo conceito de comunidade surge de um impulso nostálgico; essa é a intuição primeira que lhe permite destacar que, embora a imanência e a intimidade da comunhão sustentem a noção de comunidade, ela assume a impossibilidade de sua própria imanência. Deixando de ser tratada como uma doença, passa a ser percebida como uma insuficiência para a ação política, especialmente a partir de uma análise fetichista da mercadoria. A nostalgia é uma emoção ou afeto suspeito tanto no âmbito político quanto no ético por aqueles preocupados com afetos, como Jorn Rüsen (2008). A nostalgia, dessa perspectiva, tem sido utilizada por líderes fascistas e conservadores que mobilizam imagens dos bons e velhos dias com o intuito de gerar coesão social.

Ante essa percepção da nostalgia, caberia à História fazer a crítica e colocar a nostalgia em seu lugar. História e nostalgia, dessa forma, estão opostas. Creio poder afirmar, contudo, que a nostalgia não é o reverso da história, mas o contrário do progresso (HUYSSSEN 2014). Ao mesmo tempo, tateio o que deveria ser repensado: a História em sua vinculação excessiva a uma tipologia de realismo, ainda seguindo padrões do século XIX, como uma forma específica de expor a realidade. Justamente esse realismo típico do historicismo do século XIX pouco auxiliou a pensar os impasses referentes ao mundo em que vivemos. Em um momento no qual o futuro parece ser muito mais uma ameaça do que uma promessa, em que o fechamento prevalece à abertura, no qual a terra está sob a ameaça dos efeitos causados por uma excessiva aceleração tecnológico-científica que supúnhamos que nos salvaria, a crítica a esse “realismo histórico” amplia as alternativas em relação ao futuro, como considera Hayden White (2007). Assim, proponho a tarefa de pensar a nostalgia do(s) futuro(s) ou o futuro do pensamento nostálgico com a intenção de buscar uma apreensão mais sensível da nossa experiência do tempo atual. Deslocar a nostalgia de sua percepção como doença sugere a possibilidade de (re)significar alguns conceitos correlatos em uma época que parece sugerir distopia e na qual a vida cotidiana está imersa nos imperativos do sistema capitalista e o planeta está sob a ameaça de destruição pelas próprias ações humanas.

Percebi, ao analisar uma ampla bibliografia que trata do tema da nostalgia, que os apoiadores do “princípio da realidade”, aqueles que cultivam o “realismo histórico” nos termos em que o compreende o século XIX – como o único “lugar real” a partir do qual podemos elaborar nosso pensamento sobre o presente e nossa tentativa de rascunhar o futuro – que a nostalgia é considerada uma mera fantasia, “pensamento ilusório”, delusão, sonho ou ópio. Assim, a nostalgia é tomada como uma resposta ao mundo moderno e a sua perda constitutiva da totalidade. Por isso, a ela são associados os valores da plenitude na lida com o passado, em estreita ligação com a leitura que Lukács (1911) faz do romance *Marie Donadieu* de Charles-Louis Phelippe, publicado em 1904. Lukács o tematiza utilizando a palavra “*Sensucht*” que foi traduzida para o português como “nostalgia” e, para a edição francesa, como “*aspiration*”, optando-se assim por uma acepção menos corrente do vocábulo alemão *Heimweh* e evitando-se o neologismo em francês. Um eco desse modo de entender a relação com o passado está no belo filme de Andrey Tarkóvski *Nostalghia*. Nessa criação ficcional, o vínculo ao lugar amplia o desejo pelo passado mediante a espacialização da memória. Totalmente diferente dos filmes que buscam lidar com uma época específica, como os filmes norte-americanos analisados por Fredric Jameson (1988) que se detiveram em tratar dos anos cinquenta na América e da sua explosão de consumo, o filme de Tarkóvski, de modo singelo e imagético, aponta os anseios que levam uma criada a incendiar a casa dos patrões em sua busca pela autorização do retorno a essa plenitude do passado.

Pela nostalgia não se tenta escapar do “mundo real”, da materialidade ou da “história”, mas de *uma versão* de tudo isso produzida pela modernidade. O estudo da nostalgia é especialmente adequado em princípios do século XXI, pois

os avanços tecnológicos e os ambientes de meios digitais estão produzindo novas dinâmicas entre passado e presente e transformando a relação entre indivíduos e coletividades. As novas tecnologias apresentam um paradoxo: por um lado, têm a capacidade de estimular a nostalgia por proporcionarem um arquivo infinito, mas, por outro lado, a tecnologia também pode criar uma fragmentação que a impossibilite. O estudo da nostalgia é destacável, pois influencia o comportamento de consumidores, escritores e outros produtores culturais e porque conecta ou reforça um amplo espectro de tendências na cultura contemporânea. Frederic Jameson (1988) e Hans Ulrich Gumbrecht (1999) chamaram a atenção para a correlação entre tecnologia e nostalgia, contudo com perspectivas distintas. Enquanto o primeiro realça um aporte teórico no qual a nostalgia é entendida como uma forma de estratégia de sedução do mercado, o segundo dialoga de modo mais acolhedor com a perspectiva nostálgica.

Gostaria de sugerir, contudo, que essa vinculação entre a nostalgia e o consumo fez com que a nostalgia fosse tratada por um autor como Fredric Jameson a partir da questão do fetiche da mercadoria. Não negaria que a nostalgia está no centro de muitas estratégias de consumo. Basta atentar para a recente onda de "Festas Ploc" que relembavam os anos oitenta no Brasil ou, ainda, o retorno de bandas de rock desde o Black Sabbath e o Kansas, até uma nova roupagem para o grupo Legião Urbana. Ainda apontaria o sucesso de alguns seriados centrados nessa proposição, como é o caso de *Mad Men*, analisado por Jerome de Groot (2011), no qual a nostalgia ocupa um lugar central, *Stranger Things* ou toda a estratégia contida no episódio "San Junipero" de *Black Mirror*. Contudo, o excesso proposto por Fredric Jameson (1988) a partir de sua análise submete a nostalgia, única e exclusivamente, à discussão sobre consumo, que sempre a coloca em um lugar rebaixado em nossa relação com o passado ou a apresenta como uma estratégia simplória de venda de mercadorias. A leitura que Linda Hutcheon (1988) faz de Fredric Jameson continua a reforçar o vínculo entre a nostalgia e a mercadoria, somente desmobilizado pelo recurso à ironia, assim como reforça seu lugar de "kitsch da memória".

Gostaria de ressaltar que Jean Starobinski, Linda Hutcheon, Fredric Jameson, Jerome De Groot, David Lowenthal e Stephen Baan concebem a nostalgia de modo pouco generoso e, ainda, como um impeditivo para a ação, como uma forma de corrupção na lida com o tempo. Cabe procurar entender como a nostalgia persiste, insiste, modifica-se e instaura novas sensibilizações tanto em sua busca por algo que se perdeu com o término de uma forma anterior à modernidade, quanto indagar acerca de outras formas de entender a experiência de tempo contemporânea e uma forma de escrita. Claro que existem outras perspectivas. Em seu estudo, Piason Natali (2006) entende a nostalgia também na chave conceitual moderna de dar forma ao passado. Ao ler Tununa Mercado, Lezama Lima e Juan Rulfo, Natali busca formas alternativas de relacionamento com esse passado entendido na contramão do pensamento histórico moderno. O autor está preocupado com uma experiência de tempo da modernidade europeia, que se projeta inexorável ao futuro, e com os romances latino-americanos que tematizavam a nostalgia como uma resposta contrária à modernidade.

Gostaria de mover-me em outra direção em relação a esses autores, reorientando o conjunto de questões: como lidar com a nostalgia tendo a clareza de que o progresso não se sustenta como experiência de tempo única para a coletividade atualmente? Ou, ainda: como lidar com a nostalgia em um instante em que o futuro sugere ameaça e não promessa? Em tempos de presente amplo e de perda do valor pedagógico do passado, qual seria o valor da nostalgia? Opto por buscar outra forma de análise da nostalgia ao trazer a preocupação do tema para os estudos em Teoria da História e História da Historiografia, deslocando-a de análises reiteradas pela perspectiva teórica de Fredric Jameson ou pelo conjunto de preocupações de Linda Hutcheon. Esse investimento leva-me à busca por um vocabulário novo e à observação de fenômenos da cultura em voga nos últimos anos. Trato de estudar outro caminho que não seja apenas o de reconhecer a questão da preservação urbana ou da associação entre nostalgia e moda retrô. A nostalgia, tomada naquele diapasão, presta-se sem resistência à acusação de ser a busca por certa plenitude do passado, a partir do contraste com um presente vazio e da força de uma verdade dada por uma testemunha ocular. Somente assim Fredric Jameson pode argumentar que esse movimento se refere à “retirada de lentes tingidas pela nostalgia” (JAMESON 1996, p. 296). A crítica antifetichista possui a linearidade do raciocínio. Primeiro, define-se a natureza ilusória do fetiche por meio da projeção sobre outro de algo que lhe pertencia como próprio. Ao querer alcançar o que se descobre como o próprio de algo que foi deixado para trás, cabe ao crítico perceber que houve forças, externas ou internas, que identificam esse modo de dar forma ao passado como uma espécie de corrupção. Tanto a falsidade da projeção quanto a realidade da afirmação definem a corrupção assumida pelo objeto por essa forma de relacionamento com o passado. Percebe-se que estamos nos movendo no território da autenticidade, e a nostalgia se apresenta como parte destacável desse desejo; o autêntico pode ser concebido como a circunstância na qual uma coisa aparenta ser exatamente o que ela é ou sempre é o que aparenta ser, como se fosse o próprio do tempo, do lugar, da coisa, do objeto, como pondera em ensaio recente Hayden White (2014, p. 30). Por isso, a nostalgia foi concebida por alguns teóricos como a “mais autêntica relação com o passado” que podemos experimentar.¹

123

Essa vinculação entre nostalgia e autenticidade talvez seja uma das principais causas de seu excessivo descrédito e da associação negativa que realça a dimensão de bloqueio da nostalgia em relação à ação no mundo, visto que ela carrega consigo todas as marcas da autenticidade. A nostalgia, por meio dessa interpretação especialmente destacada de Jameson, apresenta-se em situações nas quais a “natureza” das coisas parece poder ser acessada. Ora, para aprofundar o tema, devo diferenciar esse *anseio nostálgico*, ao que busco dar forma com minhas palavras, do tratamento médico da nostalgia dentro dos padrões da modernidade ocidental e que alimenta uma determinada fortuna

¹ Frank Ankersmit pondera acerca da nostalgia em seu livro *History and Tropology*: “It will be my thesis, then, that nostalgia and the nostalgic remembrance of the past give us the most intense and the most authentic experience of the past” (ANKERSMIT 1994, p. 198).

crítica cujos pressupostos ainda ecoam. A perda e o anseio pelo passado estão disseminados e influem no mundo atual, em que o declínio da ideia de progresso e o advento de uma consciência da catástrofe indicam o aparecimento de uma nova experiência do tempo. Andreas Huyssen, em fins da década de 1990, sugere que a atual obsessão com a memória está diretamente relacionada à crise da estrutura da temporalidade que sustentava a crença no progresso (HUYSSSEN 2014, p. 24). Apresento a nostalgia como uma perspectiva temporal pautada em um presente alargado a se desdobrar em um futuro cinzento em uma época de memória (GUMBRECHT 2015).

Em idos do século ou nostalgia como o outro da utopia?

Não considero que a nostalgia seja a história. Pelo contrário, enfatizar que a nostalgia é também história implica um grau de ironia significativo, especialmente se afirmarmos que a nostalgia não está somente oposta ao passado que “realmente ocorreu” ou ao “processo temporal” por meio do qual se supõe uma ruptura radical entre passado e presente, mas também à rejeição ao tipo de conhecimento exequível pela História nos termos de uma pesquisa cientificamente orientada com fontes e provas capazes de determinar sua veracidade. Não cabe considerar a nostalgia como uma espécie de outro do conhecimento histórico, mas, em sentido mais amplo, como a expressão de um desejo reprimido capaz de influenciar nosso presente e, dessa maneira, também um desejo por futuro. Um porvir que se alimenta de um modo de lidar com a memória e que entende o presente como um outro possível, contra as limitações de um sistema social que nos impede de imaginar um futuro diferente desse mesmo presente. Em outras palavras, a nostalgia destaca a possibilidade de que futuros obsoletos sejam visitados por esse anseio nostálgico sem que sejam tomados como a expressão imediata de um colapso. A falência do sentido, como era concebida pela Filosofia da História, e o futuro como ameaça deslocaram o futuro como era idealizado, como futuro passado, mas não geraram o desaparecimento da indagação em torno dele. A falência de um futuro como promessa e radicalmente diferente do presente, como era concebido nos padrões da consciência histórica moderna, abriu espaço para a precariedade quanto à definição do futuro. A acumulação do passado para aqueles que nasceram depois de 1945, como argumenta Gumbrecht (2014, 2015), propicia essa disponibilidade que alimenta a nostalgia. Arrisco dizer que as situações nostálgicas carregam consigo o mesmo sintoma do encontro com o tempo de que nos fala Gumbrecht nas obras referidas, uma experiência cíclica de esperança e desapontamento.

A relação com a nostalgia demonstra um impasse típico da apreensão teórica da história em nossos dias: trata-se da invasão do passado no presente sem que com ele possamos aprender. A incapacidade pedagógica é a marca dessa forma nostálgica de relacionamento com o passado e propicia uma diferenciação frente à tipologia histórica no modelo científico. A nostalgia, em nossa atualidade, deixou de ser entendida como o apego desmedido ao passado, como foi considerada em sua versão setecentista. Torna-se, hoje, uma resposta ao presente; por vezes,

estática e imobilizadora; por outras, em permanente anseio por futuro. Longe de ser simplesmente a memória idealizada de um lugar ou o desmedido apego a outra época de uma determinada nacionalidade ou mesmo de um instante passado que se busca reviver, a nostalgia expressa a complexidade do tempo e as múltiplas e diversas camadas por meio das quais ocorre a coagulação do passado no presente. Em uma época de incertezas e de tempos sombrios como esta em que estamos mergulhados, o *anseio nostálgico* (antes do que nostalgia, creio) é parte indissociável de nossa experiência do tempo na qual não existe a credulidade em um futuro redentor, mas na qual podem ser experimentados relacionamentos com o passado de diversas tonalidades. Perceber os shows de música de bandas antigas ou o retorno de antigos cantores como corrupção, por não serem mais o que eram, seria acreditar plenamente em um ritmo do mundo definido pela ciência. Relegar a nostalgia ao lugar menor é próximo a relegar a utopia ao lugar de menoridade em um modo de entender o futuro. A crítica ao abandono das utopias e a compreensão dos impasses teóricos que definiam a utopia como uma ficção de baixa qualidade, dentro da História da Historiografia, podem ser rastreadas, como fez Henrique Estrada Rodrigues (2015).

A nostalgia, especialmente no século XIX, foi vista como descontrolo da razão insuflada por excessiva imaginação que prendia os homens ao passado em seu desejo de retorno para casa. Sugeriu, desse modo, a irrealização futura como decorrente de um excessivo apego ao passado, de um bloqueio para o agir no mundo por não se conformar à experiência do tempo do progresso. A negatividade do conceito, comumente considerado como parte da *tristesse*, era fruto da postura contrária à modernização. Assim como a utopia, que recebeu em fins do século XIX o lugar de uma ficção rebaixada, a nostalgia ganhou uma codificação obscura por sua parcela de irrealização frente às ações humanas, inclusive ao longo de todo o século XX. Uma voltada para o futuro, a utopia, e a outra, para o passado, a nostalgia, explicitavam a inacessibilidade da completude do anseio humano. Ambas sugeriram imaginações arbitrárias cujo efeito seria o esquecimento do presente por meio do excessivo apego ao passado ou ao futuro. A imaginação de um retorno ao lar deveria ser substituída por uma análise de caráter realista capaz de sugerir a intervenção no presente com vistas a construir o futuro, o que levaria a nostalgia a ser concebida como decadente, aspecto que deve ser questionado.

Alguns autores, como Svetlana Boym (2001) e Anthony Liakos (2007), chamam a atenção para o vínculo existente entre a nostalgia e o modo de entender o futuro. Concordo com a afirmativa de ambos, porém darei outro encaminhamento às questões postas por eles. Pondero que o vínculo entre nostalgia e futuro pode ser interessante, pois ele ocorre de modo diverso à conhecida vinculação pedagógica entre passado e presente. A nostalgia lida, de modo díspar, com a incapacidade pedagógica do passado frente o presente; trata, necessariamente, com angústias e incapacidades do presente para responder aos anseios mais imediatos, ao passo que sugere sua transcendência por remeter-se a outro passado como possível, mesmo que não realizado. O aumento das recorrências de situações nostálgicas ocorre em um movimento

moderno no qual a *prognosis* já não é mais possível. Koselleck (2006, p. 20) argumenta que a profecia foi desbancada pelo prognóstico; contudo, sua completa efetivação depende, na modernidade, do cálculo humano em um domínio secular de prováveis e finitas possibilidades políticas e do tempo como incerteza. Hoje a *prognosis* é obsoleta, incapaz de acompanhar os desafios postos em um mundo em aceleração constante, ao mesmo tempo em que está na matriz da dificuldade de construir projetos capazes de plena execução.

A nostalgia se insere nesse mesmo cenário em que os prognósticos não nos transmitem credulidade, a incerteza acerca do futuro está vinculada ao reconhecimento da finitude do planeta e no qual o presente se expande atacando as outras dimensões do tempo. Tomar a nostalgia para entender a época atual de inovação tecnológica pode parecer irônico, mas indica tanto nossa obsessão pelo passado como a concomitante perda de crença quanto a prover significativas informações acerca do futuro que caracteriza nosso tempo. Para que esse encaminhamento se sustente, a nostalgia necessita ser deslocada de seu lugar de conceito ainda associado ao seu nascimento nos Setecentos. Para maior clareza ainda, caberia dizer que a nostalgia necessita deixar de receber a conotação negativa que a vincula ao constrangimento para a ação política ou à limitação de ação na esfera pública ou a um afeto que a defina como uma experiência autêntica, como faz Frank Ankermit. Assim, esse tipo de anseio pelo passado possibilitaria a oportunidade de um reconhecimento da multiplicidade de experiências temporais em nossa atualidade.

126

A via mais precisa que encontrei para desenvolver essa intuição foi tentar compreender a nostalgia retirando-a do vínculo com o consumo, em geral conceitual ou com alta carga afetiva. Opto por entendê-la como um *cena* literária mais do que um conceito, perspectiva que deflagra uma constelação específica de argumentos associados à discussão sobre o discurso histórico, assim como sobre a história literária. Para tanto me utilizo da indagação a que se prestou a filósofa, filóloga e tradutora Barbara Cassin, que desenvolve, há décadas, uma obra que estuda com atenção a Filosofia e tudo aquilo que dela está excluída, como a sofística, a retórica e a literatura. Cassin não se preocupa em discutir questões referentes à História como campo disciplinar, mas escreve debatendo a relação entre nostalgia, linguagem e perecibilidade humana em tempos de refugiados e capitalismo acelerado. Cassin (2015) pondera que a nostalgia deve ser considerada um *topos* de escrita que remete ao canto V da *Odisseia*, permanece vivo na *Eneida* e ganha uma forma contemporânea nos escritos de Hannah Arendt. Enquanto muitos autores focam sua atenção no décimo segundo canto da *Odisséia*, que narra o encontro de Ulisses com as sereias, Cassin desloca a leitura para o quinto canto (CASSIN 2015, p. 25-61). A cena é conhecida: Ulisses frente a Calipso em um diálogo que contrapõe imortalidade divina e perecibilidade humana. A pergunta de Calipso: "Voltar queres, astuto, em breve aos lares?" desenvolve-se com o aviso sobre o futuro: "Se as penas antevisses/ Que te aguardam, comigo em laço estreito/ Imortal ficarias..." (HOMERO 2012, p. 53). Contudo, a decisão de Ulisses se torna mais explícita em outro trecho, quando ele opta por Penélope em vez de ficar com Calipso. Assim responde Ulisses: "Sublime deusa/ não te

agraves portanto; eu sei que em tudo/ a prudente Penélope transcendes/ Nem da morte és escrava ou da velhice/ Mas para os lares meus partir suspiro/ Se um deus me empece, como os já passados/ Suportarei constante os outros males” (HOMERO 2012, p. 53).

A nostalgia combina espaço e tempo de modo particular, como uma sugestão para lidar com aquilo que uniformiza a todos: a morte. O vínculo entre enraizamento e desenraizamento, a disputa entre o novo e o antigo, o modo como o novo se torna antigo e o tempo é percebido como linha e como ciclo, temas encontrados na *Odisséia* a partir dessa perspectiva interpretativa, são chaves para a nostalgia (CASSIN 2015, p. 32). O livro V fala por si mesmo: mortais e deuses, envelhecimento e imortalidade; conceitos em choque a todo instante. No livro V, no dilema do retorno a casa, encontrar o tempo que passa, a morte e a velhice, muito mais do que a imortalidade, fazem parte de uma semântica mobilizada pela nostalgia. Ulisses, ao encontrar Penélope, observa seu envelhecimento e não o apego à forma que deixou. Não a eterna juventude, mas o tempo que passa. A nostalgia relaciona tempo e espaço para valorizar a mortalidade humana. Há o desejo pelo humano e sua perecibilidade; mais do que a beleza suprema, mais do que Calipso, mais do que a eternidade, a nostalgia escolhe a finitude, o envelhecimento e o tempo que passa.

Mais do que da restrição imposta pelo nascimento do conceito moderno de nostalgia, trata-se da ambivalência constitutiva das imagens, da tensão entre as personagens, da cisão constitutiva do humano – aquele que prefere a morte ao eterno, que parece fazer parte de uma semântica mobilizada pela nostalgia, hoje. Pelo reconhecimento desse anseio, trato, de algum modo, perceber que as marcas dessa semântica alimentam esse *topos* da nostalgia, como argumenta Barbara Cassin. Em outras palavras, a autora percebe que o primeiro aparecimento dos vocábulos que propiciarão o nascimento do neologismo “nostalgia” ocorre em uma cena literária na qual Ulisses propõe a recusa da imortalidade e escolhe o envelhecimento, a morte e a passagem do tempo. Desse modo, encontro um tema de minha própria obsessão por perceber a nostalgia de uma perspectiva mais aberta ao desamparo humano, sem que ela seja entendida, somente, como uma estratégia mercadológica ou um apego simplório ao passado.

Percebo que Cassin fornece subsídios para entender a correlação que busco estabelecer entre nostalgia e escrita da História, mas também vislumbro diferenças em relação ao modo como a autora trata o argumento, especialmente ao aproveitar suas considerações para os debates contemporâneos da Historiografia. Creio poder contribuir para a História da Historiografia ao sugerir um determinado tratamento de questões contemporâneas associadas ao deslocamento do projeto intelectual da História dos Conceitos, a valorização de imagens literárias na escrita da História e a oportunidade de pensar a experiência do tempo. Cassin propõe uma ampliação em que a situação nostálgica não se apresenta, necessariamente, como conceito, mas expressa a casa, o conflito geracional, a família, o envelhecimento, a mistura entre futuro, presente e passado, todas expressões da finitude humana.

Em prosas de ficção, como *Formas de volver a casa*, de Alejandro Zambra – que coloca a ênfase em recursos alegóricos – ou *A ignorância*, de Milan Kundera – por meio da ironia para lidar com uma nostalgia que pouco agrega à reflexão – os autores investem em cenas que retomam esse *topos* com vistas a enfatizar uma determinada política do tempo. Narrar pela perspectiva nostálgica evidencia que a nostalgia parte do reconhecimento de que o passado não está ausente ou distante, não havendo uma profunda ruptura entre passado e presente; ao contrário, esse passado invade o reino do presente e o alarga. Diferente de uma política do tempo que destaca um tempo homogêneo ou vazio, em que o futuro deixa o passado para trás, já que ele não pode mais ensinar, o futuro que se alimenta da nostalgia é permeado pelo passado como condição. Narrar de um ponto de vista nostálgico atua em uma política da amnésia, sendo um recurso típico de autores que buscam indagar a violência do Estado, como Piglia, Zambra, Hatoum, Saer e que lidam com os impasses da relação entre justiça e História (BERVERNAGE 2012, p. 91-147). Ao mesmo tempo, permite a retomada de futuros obsoletos que foram deixados para trás, recorrente na produção do historicismo pós-ditatorial, produzida em prosas que abrangem desde *La ciudad ausente* (1992) de Ricardo Piglia, até alguns *flashes* de nostalgia no diário *La novela luminosa* (2005), de Mario Levrero, ou *Los diarios de Emilio Renzi* (2015, 2016, 2017), passando pelo filme de Patricio Guzmán *Nostalgia de la luz*. As prosas, com seu caráter híbrido entre memória e História, movimentam-se no espectro daquilo que Marianne Hirsch (2008) chama de pós-memória.

128

Não se trata, então, de lidar com o *Futuro da nostalgia* ou com o seu mal-estar, como faz Svetlana Boym. A autora estuda Joseph Brodsky, Vladimir Nabokov, entre outros russos, para lidar com as particulares relações estabelecidas entre ficcionistas e artistas contemporâneos com a nostalgia como uma resposta imaginária ao forçoso exílio e ao deslocamento da antiga URSS. A autora cunha os conceitos de “nostalgia restauradora”, para definir o instante em que a nostalgia não indaga a si mesma e serve apenas para reiterar a tradição, e “nostalgia reflexiva”, para definir o instante em que a nostalgia é mobilizada destacando as contradições da modernidade. Busco, em outra vertente, lidar com os diversos estratos do tempo que misturam passado e futuro, enfatizando a nostalgia em um momento em que percebemos o alargamento do presente, a proximidade do futuro e a recorrência de um *topos* que remete ao canto V da *Odisseia*.

Não se trata de conceber a nostalgia associando-a a uma vertente antropológica a-histórica. Pelo contrário, mostro que houve mudança nesse *topos* literário, apesar de ainda existir a associação com o tema da morte e do envelhecimento, ao mesmo tempo em que indico a historicidade do aparecimento de cenas nostálgicas em uma experiência do tempo em que o passado invade o presente e o futuro deixa de ser experimentado como a superação do passado. Indico, dessa forma, a ênfase no caráter retrô da cultura como um modo de espanto e resposta ante a aceleração cada vez maior de nossos dias. Se a nostalgia era considerada decadente na modernidade por ser oposta ao progresso, em nosso instante atual ela nega a *prognosis* histórica e indica nossa dificuldade em elaborar projetos fiáveis de futuro.

Daqui surge uma relação íntima com o futuro e a Historiografia, a partir do tema da nostalgia. Opto por seguir a leitura da obra de Ernst Bloch feita por alguns teóricos da História, como Hayden White (2007), Antonis Liakos (2007) ou Ioanna Laliotou (2007), que reforçam um tema central a este ensaio: o fato de que o “ainda não” de nossa futuridade demanda um “não mais” de nosso passado, em nossa historicidade. Pode-se dizer, então, que o princípio esperança tem a ver com evocar o futuro como o lugar das possibilidades ainda-não-conscientes e o passado como suas possibilidades (momentaneamente) não-mais-conscientes (BLOCH 2005, p. 128). Bloch pondera que existe um “ainda não” que alimenta a perspectiva utópica. A nostalgia é justamente seu oposto, o “já não mais” associado à perda do passado, o anseio e a impossibilidade do retorno ao passado como realmente ocorreu. O valor desse “já não mais”, contudo, reside em nossa percepção de que sua perda realça o reconhecimento da finitude em nossa época e não mais a perda de um valor de ação a serviço dos Estados-Nação, como ocorria no século XIX.

Vivemos entre o “ainda não” de nossa futuridade e o “já não mais” que alimenta nosso anseio. A nostalgia é o desejo por esse “já não mais”, por esse instante que assalta a mente e interroga a força do presente em seu espraiamento às outras dimensões temporais – é o desafio que a nostalgia assume ao buscar se libertar do presente em sua capacidade invasiva do passado e do futuro. Pode-se dizer que a nostalgia impede o “ataque do presente sobre todo o tempo”, como assinala Andreas Huyssen ao analisar o filme de Alexander Kluges indicando a imbricação entre as diversas dimensões temporais. Por meio da nostalgia pode-se encontrar um caminho para indagar o futuro em tempos de simultaneísmo temporal e de reconhecimento da finitude da espécie. Não se deve conceber, entretanto, que a nostalgia irá alimentar um futuro esperançoso e pleno, como se propõe em algumas leituras rasas da utopia. Como uma tipologia de narrativização histórica, essa perspectiva de futuro está alinhada ao que Hayden White define, a partir da leitura de Auerbach, como preenchimento figural (*figure-fulfillment*), o modelo pré-moderno de História no qual o futuro não é experimentado como um horizonte de esperança ou progresso mas como um acontecimento que sugere algo já ocorrido ou um acontecimento prévio. Auerbach foi o primeiro a defini-lo em termos de movimento histórico como uma interpretação figural pautada no estabelecimento de uma conexão entre duas pessoas ou eventos. O primeiro não significa somente a si mesmo, mas o próximo, enquanto o segundo preenche o primeiro, de acordo com a conhecida análise de Auerbach em seu livro *Figura* (1997). Apesar de separados no tempo, ambos os autores se referem a eventos reais ou figuras na fluência da vida histórica. Questionam, assim, o modelo de causa e efeito da periodização da tipologia moderna baseado em uma História disciplinar que, como bem notou Hayden White (1999, p. 87-101) na leitura que faz de Auerbach, não se move do passado para o presente, mas do presente para o passado.

Não se trata, neste ensaio, de conceber a reabilitação do modelo pré-moderno. Nosso futuro necessita lidar com a clareza da finitude da espécie e com um presente que se prepara para um futuro desastroso que parece já ter

ocorrido. O anseio nostálgico emerge entre a paranoia de um futuro ameaçador e um passado que nos soterra, especialmente em sociedades que em seu passado recente vivenciaram traumas coletivos decorrentes de violências de Estado. Existe um retorno que se dá mediante cenas literárias voltadas a indagar a violência que produziu a desestruturação de um mundo considerado legítimo pela existência do regime democrático, bem como a fragilidade do mundo em que estamos vivenciando. Se na época moderna, como considera Koselleck, o presente não possuía presença na intensa busca por um futuro esperançoso, em nosso presente amplo perdemos a capacidade do prognóstico moderno por não acreditarmos na possibilidade de deduzir o futuro. Criamos imagens nostálgicas que tomam o lugar da *prognosis*, mas que também não traduzem um desejo de completo retorno a um mundo primevo. Há o reconhecimento de uma finitude inevitável, mas na qual a futuridade ainda pode ser interrogada. As imagens nostálgicas seriam a prefiguração de um futuro que se almeja, mas que não pode ser claramente definido, apenas emergindo em sua opacidade.

Não é à toa que Svetlana Boym vincula nostalgia à ruinofilia vivenciada por nossa época. A partir da leitura de Simmel e Benjamin, pondera que a apreciação pelas ruínas não está relacionada exatamente ao “colapso” e à decadência aos que era atribuída em princípios da modernidade. Ela se refere mais à lembrança. Nesse caso, a partir de Boym (2001b), ruínas e nostalgia seriam faces comuns de uma questão contemporânea: a impermanência do mundo das coisas, mesmo em um mundo sem uma imagem clara de futuro. Nesse ponto, gostaria de ser mais enfático. A conjunção entre as perspectivas diversas de Svetlana Boym, Barbara Cassin e White podem sugerir um caminho particular. A nostalgia funda-se na diferença estabelecida entre o ocorrido e os pés fincados; por isso, move-se necessariamente no signo da perda. A nostalgia não é o passado em si mesmo; é uma torção, um desvio que reitera um *topos* no ato da lembrança. Não é a casa de Matacalvos de *Dom Casmurro*, montada com o intuito de reviver fantasmas e viver em meio a eles. Apesar da autoconsciência da perda, a nostalgia funda-se no anseio pelo retorno, mas tendo a clareza de que esse encontro já não é mais possível, fundando-se no fracasso prévio. Relacionamos com a nostalgia para entrar em contato com essa perda constitutiva da qual não escapamos e que reitera a nossa mortalidade e a de tudo ao nosso redor, assim como se estivéssemos diante de uma ruína.

Justamente por não existir escape é que essa forma da História e sua popularização é sugestiva para a compreensão de nossa historicidade. Em uma abordagem mais teórica e historiográfica, a nostalgia, seu anseio por completude e a incapacidade de que esse anseio seja totalmente redimido demonstram um maior ou menor desejo por reconciliação, ao mesmo tempo em que enfatizam a impossibilidade da sua ocorrência. Esse reconhecimento humano proporcionado pela nostalgia somente pode ser percebido caso suas referências sejam desvinculadas de uma estratégia de consumo ligada ao fetiche da mercadoria, entendendo-se a nostalgia como um dístico de um momento atual no qual o passado deixa de ser ultrapassado e invade o presente e o futuro. Ruínas e nostalgia invocam a lembrança de que tudo é temporário, impermanente e fadado

à mudança. A partir do prisma de Boym e Cassin, é possível derivar o argumento para um tema quase nunca destacado dessa discussão: a aproximação entre ruínas e nostalgia como expressão da lembrança da perecibilidade das coisas do mundo dos homens.

Em termos da existência do anseio nostálgico, trata-se de um *não mais* no presente, que necessita se afirmar como perda para ganhar seu valor. É um *quase* com a clareza de um *não exatamente*. A nostalgia não é a exata reconstrução, e sim a autoconsciência da fissura entre esse presente, o *não mais* e o *quase, porém não exatamente*. Aqui está em jogo sempre a relação entre original e cópia, como uma questão central à discussão sobre representação. A desestabilização gerada ocorre por meio do reconhecimento de que tudo isso existiu, pois estamos envoltos na morte e na passagem inescapável do tempo. Talvez isso nos permita adotar uma perspectiva mais acolhedora de nossos impulsos, de nossos desvãos em relação ao passado, ao ir ao seu encontro sem a plena certeza do aparato que carregamos conosco, nem mesmo de qual futuro parece surgir diante de nós. Por isso, trata-se de uma rememoração; um pouco do que nos fala John Jeremiah Sullivan (2013), em um texto que não lida com os temas das pós-ditaduras, mas que se propõe a analisar seu reencontro como fã de Axl Rose em seu ensaio "O último retorno de Axl Rose". O destaque não era uma crítica ao cantor, mas o desejo de rever a si mesmo naquela situação e admirar sua própria mortalidade ante a impermanência do mundo. Alejandro Zambra, em sua prosa de ficção sobre a ditadura chilena em *Formas de volver a casa*, quando tenta se posicionar contrário à nostalgia, a ela se rende sem apego e incorpora suas possibilidades. Também Milan Kundera, na análise que faz em *A ignorância*, tenta ressignificar o canto V da *Odisseia* pela ironia que permeia o capítulo 31, que trata do poeta romântico que lutou pela independência da Islândia, Jonas Hallgrímsson (KUNDERA 2002, p. 107-109).

Acredito que, concebida a partir desse prisma, a pluralidade de imagens nostálgicas presente em prosas de ficção deixe de ser entendida unicamente como um afeto decadente. A pobreza inerente à transitoriedade do mundo destacada pela nostalgia não busca uma redenção, assim como no *topos* começado no livro V da *Odisseia*, potencializando seu vínculo com nossa historicidade. Esse ato de reconhecimento, que abre opções para o futuro, é motivado pelo modo como entendemos nossa imaginação histórica contemporânea, especialmente ao destacarmos que esse futuro não necessita aparecer sob a forma de um projeto, mas como lampejos de um futuro indefinível de modo prévio. A motivação provida pela nostalgia e a constatação da impermanência do reino dos homens tornam o futuro indefinível, e o presente deixa de ser apenas uma transição entre outras categorias temporais, acentuando a mistura entre todas elas. Talvez isso nos permita uma forma de reencantamento, mesmo que por um instante, em uma historicidade assentada em um futuro em brumas. Trata-se, assim como em *Nostalgia de la luz*, de olharmos para o universo e notarmos que o futuro nos chega como luz tardia e o presente é invadido pelos anseios nostálgicos nunca saciados de um passado congestionado de memórias.

Referências bibliográficas

- ANKERSMIT, Frank. **History and Tropology**: the Rise and fall of metaphor. California: University of California Press, 1994.
- ARISTÓTELES. **O Homem de Génio e a Melancolia**. O Problema XXX. São Paulo: Ed. Lacerda, 1998. v. 1.
- AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.
- BAAN, Stephen. **Romanticism and the Rise of History**. New York, Twayne Publishers, 1995.
- BERVERNAGE, Berber. **History, Memory and State-Sponsored Violence**. Time and Justice. New York: Taylor and Francis Groups, Routledge, 2012.
- BLOCH, Ernst. **O princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. v. 1.
- BOYM, Svetlana. Nostalgia and its discontents **Essays**. Available on: <http://www.iasc-culture.org/eNews/2007_10/9.2CBoym.pdf>. Access: 15 mar. 2015.
- _____. Ruinophilia In: **Atlas of transformation**. Available on: <<http://monumenttotransformation.org/atlas-of-transformation/html/r/ruinophilia/ruinophilia-appreciation-of-ruins-svetlana-boym.html>>. Access: 20 mar. 2015
- _____. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.
- CASSIN, Barbara. **La Nostalgie**. Quand donc est-on chez soi? Paris: Pluriel, 2015.
- GROOT, Jerome. "Perpetually dividing and suturing the past and present": Mad Men and the illusions of history. **Rethinking History**, v. 15, n. 2, p. 269-285, 2011.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926**. Vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **Depois de 1945**. Latência como origem do presente. Traduzido por Ana Isabel Soares. São Paulo: UNESP, 2014.
- _____. Estagnação: temporal, intelectual, celestial. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich (Org.). **Nosso amplo presente**. O tempo e a cultura contemporânea. Traduzido por Ana Isabel Soares. São Paulo: Ed. Unesp, 2015. p. 59-76.
- HATOUM, Milton. **Relatos de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HIRSCH, Marianne. The Generation of Postmemory. **Poetics Today**, v. 29, n. 1, 103-128 2008.
- HOMERO. **Odisséia**. Traduzido por Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro 2012.
- HUTCHEON, Linda. Irony, Nostalgia, and the Postmodern. University of Toronto English Library. 1998. Available on: <<http://www.library.utoronto.ca/utel/criticism/hutchinp.html>>. Access: 18 oct. 2016.

HUYSSSEN, Andreas. Nostalgia for ruins, 2006. Available on: <<http://museotamayo.org/uploads/publicaciones/HUYSSSEN-Nostalgia-for-Ruins.pdf>>. Access: 25 apr. 2015.

_____. **Culturas do passado-presente**. Modernismo, artes visuais, políticas da memória. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014.

_____. **Memorias Crepusculares**. La marcación del tiempo en una cultura de amnésia. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Siglo XXI 2014.

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and other Science Fictions**. New York, Verso, 2005.

_____. Nostalgia for the present. In: JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or, The cultural logic of Late Capitalism**. New York: Duke University Press, 1988, p. 279-297.

_____. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Traduzido por Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora Puc-RJ, 2006.

KUNDERA, Milan. **A ignorância**. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Porto: ASA, 2002.

LALIOUTOU, Ioanna. Timely Utopias: Notes on Utopian Thinking in the Twentieth Century. **Historein**, v. 7, p. 32-45, 2007.

LIAKOS, Antonis. Utopian and Historical Thinking: Interplays and transferences. **Historein**, v. 7, p. 20-57, 2007.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge University Press, 1985.

LÚKACS, Györg. Sehnsucht und Form. In: LUKÁCS, Györg. **Die Seele und die Formen: Essays**. 1911. Disponível in: <https://archive.org/stream/dieseeleunddiefo00lukuoft/dieseeleunddiefo00lukuoft_djvu.txt>. Zugang in: 12 jan. 2017.

_____. Nostalgia e forma. In: _____. **A alma e as formas**. Traduzido por Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Aspiration et forme In: _____. **L'Âme et les formes**. Traduction: Guy Haarscher. Paris, Gallimard, 1974. Collection Bibliothèque de Philosophie.

MACEDO, Joaquim Manuel de Macedo. **Considerações sobre a nostalgia**. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

NABOKOV, Vladimir. On Time and its textures. In: NABOKOV, Vladimir. (Org.). **Strong Opinions**. Available on: <<http://www.lib.ru/NABOKOW/Inter19.txt>>. Access: 23 mar. 2016.

- NANCY, Jean Luc. **La comunidad inoperante**. Trad. Juan Manuel Garrido Wainer. Santiago do Chile: ARCIS 2000.
- NATALI, Marcos Piason. **A política da nostalgia**. Um estudo das formas do passado. São Paulo: Nankin, 2006.
- PHILIPPE, Charles-Louis. **Marie Donadieu**. Paris: Bibliothèque Charpentier-Fasqueulle, 1904.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, Henrique Estrada. **A Utopia no Tempo, o tempo na Utopia**. Trabalho apresentado no fórum de Teoria da História e História da Historiografia, 2015.
- RÜSEN, Jorn. History and Utopia. **Historein**, v. 7, p. 5-10, 2007.
- _____. Emotional Forces in Historical Thinking: Some Metahistorical Reflections and the Case of Mourning. **Historein**, v. 8, p. 25-38, 2008.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEBALD, W. G. **Os emigrantes**. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- 134 SULLIVAN, John Jeremiah. O último retorno de Axl Rose. In: SULLIVAN, John Jeremiah. **Pulphhead**. O outro lado da América. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- STAROBINSKI, Jean. The Idea of Nostalgia. In: HUYSEN, Andreas. **Nostalgia for ruins**, 2006. Available on: <<http://museotamayo.org/uploads/publicaciones/HUYSEN-Nostalgia-for-Ruins.pdf>>. Access: 25 mar. 2015.
- WHITE, Hayden. Auerbach's Literary History. Figural Causation and Modernist Historicism In: WHITE, Hayden. **Figural Realism**. Studies in the Mimesis Effect. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999.
- _____. The Practical Past. **Historein**, v. 10, p. 9-19, 2010.
- _____. The Future of Utopias in History. **Historein**, v. 7, p. 11- 19, 2007.
- _____. Truth and circumstance. What (if anything) can properly be said about the Holocaust? In: WHITE, Hayden. **Practical Past**. Evanston: Northwestern University Press, 2014.
- ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.